

USOS DE *ONDE* NA ESCRITA MULTIFUNCIONALIDADE, ABSTRATIZAÇÃO SEMÂNTICA E GRAMATICALIZAÇÃO

*Ilana Guimarães de Souza
Cristina dos Santos Carvalho*

INTRODUÇÃO

Na literatura linguística, a gramaticalização, em sentido restrito, tem sido vista como um processo através do qual itens lexicais, em determinados contextos linguísticos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; BYBEE *et al.*, 1994; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, dentre outros). Esse processo tem sido descrito a partir de *continua* unidirecionais de abstratização semântica (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991) e mudança categorial (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003[1993]).

No presente capítulo, investigamos os usos - gramaticalizados ou não - do item *onde* na modalidade escrita do português brasileiro. Assim, pretendemos observar a gradual mudança categorial de item menos gramatical para mais gramatical, a partir da ampliação de seus valores semânticos. Nesse contexto, os diferentes empregos do *onde*, além de demonstrarem essa mudança categorial, constituem indícios de que há, em curso, uma abstratização de sentidos desse item gramatical. As ocorrências de (1) a (4), que exemplificam, respectivamente,

valores de espaço físico, espaço virtual ou abstrato, tempo e explicação/causa, servem como ilustração dessa abstratização semântica.

- (1) Este problema está causando sérios conflitos, na maioria dos locais *onde* este tipo de poluição ocorre, pois não afeta só a saúde do dono do carro, mas a todos que ouvem e os que são obrigados a ouvir. (SOUZA, 2018, R273)
- (2) [...] temos um órgão publico chamado SUCOM que cuida desses chamados “paredoes” o que não adianta muito pois eles sempre mudam de lugares, agora como o carnaval *onde* temos trio eletrico que são controlados pela SUCOM [...]. (SOUZA, 2018, R6)
- (3) Na era medieval a sociedade era principalmente rural, pessoas viviam no campo, onde a calmaria era quebrada em certas épocas *onde* haviam festejos de colheitas e em comemorações, como torneios oferecidos pelo rei [...]. (SOUZA, 2018, R357b)
- (4) Com tudo, com o crescimento no abuso sonoro urbano, a falta de intimidade, particularidade e paz atualmente é algo perdido *onde* os limites não são respeitados e o costume já foram adotados causando não só prejuizo a quem usa, mas principalmente a quem sofre com os danos causados. (SOUZA, 2018, R387b)

Para a discussão da multifuncionalidade, abstratização semântica e gramaticalização do *onde*, neste capítulo, assumimos, como arcabouço teórico, os pressupostos do funcionalismo linguístico, mais especificamente, os da vertente norte-americana associados à abordagem da gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993], dentre outros). Para a análise do objeto em estudo, baseamo-nos em dados reais do português brasileiro escrito, examinados por Souza (2018)⁸.

Este capítulo está organizado em duas seções. Na primeira, contemplamos, de modo sucinto, alguns pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico (com ênfase na vertente norte-americana) e da abordagem da gramaticalização. Na segunda, descrevemos os usos de *onde* encontrados quanto ao seu

⁸ Neste texto, discutimos alguns resultados da pesquisa de mestrado sobre usos de *onde*, defendida em 2018, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por Ilana Guimarães de Souza e orientada por Cristina dos Santos Carvalho. Nessa pesquisa, o item *onde* foi examinado a partir de um *corpus* formado por 400 redações produzidas durante o processo seletivo de vestibular da UNEB para o ano de 2014. A proposta da redação foi a produção de um texto argumentativo a respeito do crescimento exagerado do barulho nas áreas urbanas.

valor semântico-pragmático e à sua categoria gramatical e estabelecemos uma relação entre esses usos, possíveis deslizamentos semânticos e trajetórias de gramaticalização. Em seguida, apresentamos as considerações finais a respeito do fenômeno investigado, os usos atestados nos dados analisados e o processo de gramaticalização.

1 FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO E ABORDAGEM DA GRAMATICALIZAÇÃO: ALGUNS POSTULADOS TEÓRICOS

Na história dos estudos linguísticos, tendo em vista a ênfase em aspectos da função ou da forma dos elementos linguísticos, tem-se considerado que existem duas possibilidades de se descrever a língua, que têm sido designadas, respectivamente, de abordagens funcionalistas e formalistas. Nesta seção, centramos nossa atenção no primeiro tipo de abordagem.

A análise funcionalista diverge da perspectiva formalista tanto na concepção de língua adotada quanto no objeto de estudo. Os funcionalistas concebem a língua como um instrumento de interação social e, com base nessa concepção, analisam a língua dentro do contexto de uso, levando em consideração os falantes que participam da interação e suas intenções comunicativas. Quanto ao objeto de estudo, ampliam o escopo de análise, indo além da mera descrição da estrutura linguística para a investigação do contexto discursivo, o qual é visto como elemento motivador para emergência de estruturas gramaticais.

Tomando aqui emprestadas as palavras de Furtado da Cunha (2008), podemos dizer que o objetivo do funcionalismo é, pois, analisar a relação entre estruturas gramaticais e os contextos comunicativos em que elas são produzidas. Tal objetivo se aplica a qualquer vertente (norte-americana, holandesa etc.) do modelo funcionalista. Nos termos de Pezzati (2011, p. 25-26), “toda e qualquer abordagem funcionalista leva em consideração o uso que os falantes fazem de sua língua com o objetivo de interagir e se comunicar com seus semelhantes”.

Dentre as vertentes funcionalistas, destacamos aqui a norte-americana (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER, 1991, HOPPER; TRAU-GOTT, 2003[1993], dentre outros), que, como já explicitado na introdução, constitui o enquadre teórico em que nos baseamos para explicarmos os usos de *onde*, sua abstratização semântica e gramaticalização. Entre os pressupostos adotados pelo funcionalismo norte-americano, considera-se que, em virtude de contínuos processos de interferência de situações contextuais na estrutura da língua, a gramática de uma língua é variável. Nessa linha teórica, assume-se,

então, a concepção de gramática como *estrutura maleável* (BOLINGER, 1977) ou *gramática emergente* (HOPPER, 1987). Assim, as estruturas linguísticas estão em contínuos processos de adaptação, os quais são motivados por relações entre cognição e necessidade comunicativa, interação social e cultura, mudança e variação (GIVÓN, 1995). Em outros termos, são as funções impostas pelas necessidades comunicativas que geram as estruturas linguísticas e não o contrário.

Outro pressuposto está intimamente relacionado à rejeição do dogma estruturalista de arbitrariedade do signo linguístico: postula-se que as estruturas linguísticas não são arbitrárias nem objetos autônomos. Advoga-se, então, a favor da atuação, nas línguas, do princípio de iconicidade (que estabelece uma correlação direta entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos, uma maior motivação entre forma e função). Nesse sentido, entende-se que a dinamicidade da língua é evidentemente motivada, havendo constantes motivações pragmáticas durante o processo de interação comunicativa. Por exemplo, admite-se que existe uma relação entre sintaxe e uso: “[...] ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelo falante no momento da interação discursiva” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 23-24).

Ainda sobre motivação icônica, segundo Bolinger (1977), é condição natural de uma língua manter uma forma para um sentido. Todavia, em muitos casos, formas/expressões linguísticas usadas na interação social tendem a se modificar em sua forma e/ou função e sofrer reanálise categorial, o que tem sido estudado, no funcionalismo (sobretudo na vertente norte-americana), a partir da abordagem da gramaticalização. Assim, dentro da concepção funcionalista, a gramaticalização tem sido um dos fenômenos mais produtivos e aceitos como evidência da não-estaticidade da gramática, o que tem sido associado à noção de gramática emergente (HOPPER, 1987).

Na literatura sobre abordagem da gramaticalização, atribui-se a Antoine Meillet o papel de cunhador do termo *gramaticalização*, com a seguinte definição: “atribuição de caráter gramatical a uma palavra antes autônoma”⁹ (MEILLET, 1912, p. 131). Em estudos posteriores sobre gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; BYBEE *et al.*, 1994; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993]), a definição desse processo, entendido como unidirecional, passa a abranger dois tipos de reanálise categorial, quais sejam: (i) mudança de um item lexical a gramatical, como aconteceu na reanálise do substantivo *tipo* (‘indivíduo’) na conjunção *tipo* com valor de

⁹ L’attribution du caractère grammatical a un mot jadis autonome (MEILLET, 1912, p. 131).

comparação; e (ii) mudança de um item já gramatical, que passa a adquirir funções ainda mais gramaticais, como ocorre com o item *onde* na mudança, por exemplo, de pronome relativo para conjunção.

No primeiro momento, os estudos sobre gramaticalização enfatizam a reanálise categorial de itens específicos. Nessa fase inicial, conforme mencionam Rosário e Oliveira (2016, p. 235), “é marcante o privilégio da pesquisa de itens isolados, do foco nos aspectos funcionais ou na trajetória específica destes itens”. Essa é a perspectiva - atualmente considerada como abordagem clássica da gramaticalização - assumida neste texto, que se centra em trajetórias de abstratização semântica de *onde*. Posteriormente, tal abordagem passa a considerar a construção ou o contexto morfossintático em que os itens em processo de mudança ocorrem. Assim, definições de gramaticalização passam também a sinalizar que o ponto de partida desse processo pode ser tanto um item como uma construção:

Gramaticalização é geralmente considerada como um subconjunto de mudanças linguísticas em que **um item ou construção lexical** em determinados usos assume características gramaticais, ou através do qual um item gramatical se torna mais gramatical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993], p. 2, tradução e grifo nossos)¹⁰.

Ademais, construções são consideradas não só a fonte mas também o resultado da gramaticalização: “[...] construções com seu próprio significado independente também podem se tornar o resultado de processos de gramaticalização” (BISANG, 1998, p. 14)¹¹. É o que podemos observar na gramaticalização do verbo *ver* no contexto de terceira pessoa do singular, na forma perifrástica de futuro, seguido da conjunção *que*, mais especificamente, na construção *vai ver que*, com uso equivalente a um advérbio de dúvida no português brasileiro (cf. CARVALHO, 2004).

O reconhecimento da importância do contexto morfossintático para a gramaticalização assinala uma mudança de perspectiva de análise – de itens específicos para construção¹² – na abordagem desse fenômeno e implica também uma

¹⁰ “Grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes whereby a lexical item or construction in certain uses takes on grammatical characteristics, or through which a grammatical item becomes more grammatical” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993], p. 2).

¹¹ “[...] constructions with their independent meaning themselves can also become the result of processes of grammaticalization” (BISANG, 1998, p. 14).

¹² Nesse caso, ainda não estamos nos referindo à tendência atual do funcionalismo de orientação norte-americana (designada de Linguística Funcional Centrada no Uso), que, em interface com a linguística cognitiva, em uma perspectiva construcional da gramática, tem tratado da gramaticalização como um caso de *construcionalização* (um tipo de mudança linguística

nova definição da gramaticalização como “mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical” (TRAUGOTT, 2009)¹³.

A gramaticalização, como processo de mudança linguística, está relacionada aos processos de regularização do uso da língua. Sobre essa questão, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003) descrevem a trajetória desses processos no que concerne à gramaticalização: “tudo começa sem regularidade, [...]. mas se regulariza com o uso, com a repetição, que passa a exercer uma pressão tal que faz com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma, entrando na gramática (gramaticalização)” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 50).

Nos processos de regularização do uso da língua, conforme explicam Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), há ainda um momento de estabilização, em que ocorre um nível de iconicidade maior entre expressão e conteúdo. No entanto, segundo os autores, essa estabilidade é relativa e aparente, pois o que era constante começa a se desgastar e a entrar em um progressivo processo de esvaziamento semântico, chegando a um nível em que alcança uma maior abstratização. Tal processo pode ser ilustrado com deslizamentos semânticos de *onde*, que representam mudanças de valores semânticos mais concretos para mais abstratos, implicando, em alguns casos, reanálise categorial e, por conseguinte, gramaticalização. Na próxima seção, tendo em vista esses deslizamentos semânticos e o processo de gramaticalização, apresentamos uma descrição dos usos de *onde* registrados em textos escritos com base nos resultados de Souza (2018).

2 ONDE NA ESCRITA: USOS E TRAJETÓRIAS DE DESLIZAMENTOS SEMÂNTICOS E GRAMATICALIZAÇÃO

Nos estudos funcionalistas sobre o processo de gramaticalização, há a proposição de distintas trajetórias de deslizamentos semânticos e/ou gramaticalização dos itens, em que se evidencia a unidirecionalidade da mudança como um processo contínuo. Nesse caso, com a postulação da atuação do princípio da

que atinge as propriedades formais e funcionais de uma construção), Para maiores informações sobre construcionalização, conferir Traugott e Trousdale (2013).

¹³ The change whereby in certain linguistic contexts speakers uses (parts of) construction with a grammatical function, or assign a new grammatical function to already grammatical construction (TRAUGOTT, 2009, p. 91).

unidirecionalidade na gramaticalização, parte-se do pressuposto de que a mudança percorre uma determinada direção que não pode ser revertida¹⁴. Quanto aos deslizamentos semânticos no processo de gramaticalização, assume-se que a mudança se dá em um percurso de abstratização semântica crescente, tendo como ponto de partida valores concretos que se tornam abstratos ou valores já abstratos que passam por novas abstratizações semânticas.

Os dados de escrita analisados por Souza (2018) atestam não só a multifuncionalidade do *onde* quanto aos seus valores semânticos e à sua categoria gramatical mas também uma abstratização semântica desse item. No *corpus*, os usos de *onde* distribuem-se pelos seguintes valores semânticos: espaço físico (5); espaço virtual ou abstrato (6); instrumental (7); tempo (8); objeto (9); pessoa (10); explicação/causa¹⁵ (11); resultado/consequência (12).

(5) a. Mostrar ao mundo o que se gosta não é errado, mas desta forma, agredindo os ouvidos das pessoas, é um crime, ao meu ver.

E se formos pensar, tendo como base o ditado popular: “Os incomodados que se mudem”, vamos para *onde*? (SOUZA, 2018, R32a)

b. Dentre as várias figuras causadoras de ruídos excessivos, se encontra a dos condutores de veículos automotivos, que causam barulhos exagerados com seus carros cheios de alto falantes. Por *onde* passam deixam um rastro de desrespeito e desvalorização do silêncio. (SOUZA, 2018, R121)

c. Temos que nós mesmo como cidadãos de respeito impor o limite vê direitinho o local *onde* estamos, saber se pode colocar o som alto e observa os horários para que tudo sai bem e na lei. (SOUZA, 2018, R391b)

(6) [...] Enfim, vivemos em uma sociedade *onde* reeducar é preciso; para à vida, à sociedade, o próximo, e, principalmente, para si. (SOUZA, 2018, R39)

(7) Por conseguinte chegar a uma conciliação, *onde* todos chegarão ao mesmo denominador comum. Através disso as pessoas passarão a ter um pouco

¹⁴ Como existem algumas contraevidências da unidirecionalidade do processo de gramaticalização, há autores (CAMPBELL, 2001; CAMPBELL; JANDA, 2001, dentre outros) que questionam esse princípio.

¹⁵ Neste texto, tomamos a decisão metodológica de não fazer a distinção, nos dados, entre causa e explicação. Também não distinguimos a causa de acordo com o tipo de domínio em que ela pode atuar: domínios referencial e epistêmico e atos de fala, conforme proposto por Sweetser (1990).

mais de educação, respeitando tanto o espaço de um quanto o espaço do outro. (SOUZA, 2018, R206c)

- (8) No mundo contemporâneo, *onde* as pessoas possuem diversos aparelhos eletrônicos que emitem sons e automóveis com buzinas altas e equipamentos de som e vídeo super potentes, é quase impossível manter silêncio. (SOUZA, 2018, R24a)
- (9) E esta poluição se concentra nas grandes cidades, onde se observa um elevado crescimento do barulho, proporcionado, principalmente, por carros que trazem em seus portas-malas, verdadeiros trios elétricos, *onde* param na calçada e fazem até uma disputa de espaço sonoro; [...]. (SOUZA, 2018, R46b)
- (10) Fatos como esses, que podemos observarmos, que com o crescimento dos automóveis, esse fator de uma maior educação por parte desses frequentadores, *onde* elevam os sons dos seus carros, portanto causando em todas as vizinhanças muitos problemas de saúde, no tange nas perdas de audição desencadeado doenças metais, e também psicológica, gerado pelo auto índice de decibéis produzidos pelos seus carros. (SOUZA, 2018, R36)
- (11) Hoje a capital baiana é a campeão do barulho, pois a cada esquina, tem pessoas com seu carro utilizando seus rádios com o som nas alturas, fazendo competições entre se transtornos para a população. Meios de combates são feitos para amenizar esse sofrimento urbano, *onde* muitas vezes não são respeitados os direitos alheios, mas a cada dia que passa esse processo saem piorando pois não se tem fiscalização rigorosa pela cidade. (SOUZA, 2018, R133)
- (12) A vida moderna num país capitalista, leva o homem a um labor constante, *onde*, as suas emoções ficam legadas a segundo plano, face à correria em busca da sobrevivência. (SOUZA, 2018, R197a)

Os valores semânticos ilustrados nos exemplos de (5) a (12) se distribuem por diferentes categorias gramaticais: pronome/advérbio interrogativo, advérbio relativo, pronome relativo e conjunção.

Podemos observar que valor semântico espaço físico pode ser codificado por pronome/advérbio interrogativo (5a), advérbio relativo¹⁶ (5b) e pronome relativo

¹⁶ Seguindo Medeiros Junior (2009) e Lima e Coroa (2013), consideramos como advérbios relativos os casos em que *onde* introduz as chamadas orações relativas sem antecedente, também chamadas de relativas livres.

(5c). Em (5b), embora não identifiquemos uma expressão a que o *onde* faça uma referência explícita, podemos ver que esse item, pronome/advérbio interrogativo, funciona como complemento de um verbo transitivo circunstancial (*ir*), cujo complemento requer o valor semântico de lugar. Em (5b), percebemos que o advérbio relativo *onde* também complementa um verbo transitivo que requer um circunstancial com essa noção de lugar concreto. Em (5c), como pronome relativo, *onde* remete ao sintagma nominal *o local*.

De (6) a (10), *onde* é categorizado como pronome relativo. Em (6), remetendo ao sintagma preposicionado *em uma sociedade*, *onde* indica um espaço com sentido mais abstrato, virtual. Em (7), *onde* se refere a *uma conciliação* e ocorre com o valor semântico instrumental: nesse caso, pode ser parafraseado, nos termos de Lima (2007), por *através da qual* ou *por meio da qual*. Em (8), *onde*, ao fazer remissão a uma expressão temporal (*no mundo contemporâneo*), também possui valor temporal. Em (9), *onde* apresenta valor semântico de objeto, tendo como referente o sintagma nominal *carros que trazem em seus portamalas verdadeiros trios elétricos* (retomando, mais especificamente, o núcleo *carros*). Em (10), *onde possui* valor semântico de pessoa, remetendo ao sintagma nominal *esses frequentadores* (pessoas que frequentam os bares e restaurantes anteriormente citados no texto).

Em (11) e (12), *onde* funciona como conjunção ou operador argumentativo. Em (11), esse item introduz a oração *muitas vezes não são respeitados os direitos alheios*, que indica uma causa ou explicação para a criação de mecanismos de combate ao sofrimento urbano, ideia presente na oração anterior ao *onde*. Já (12) exemplifica *onde* introduzindo uma sentença com valor de resultado/consequência (*as suas emoções ficam legadas a segundo plano, face à correria em busca da sobrevivência*). A atribuição desse sentido pode ser confirmada quando, adotando a estratégia proposta por Lima (2007), substituímos *onde* pelas locuções conjuntivas *de (tal) modo que* e *de (tal) maneira que*.

Em relação aos usos de *onde* aqui descritos, seus valores semânticos e categorias gramaticais, assumimos um *cline* de gramaticalização que se inicia com seu valor mais concreto, evidentemente locativo, como pronome ou advérbio interrogativo sem antecedente (5a), passando por advérbio relativo (5b) e por pronome relativo (expressando não só a ideia de espaço físico (5c), mas também noções abstratas como espaço virtual (6), instrumento (7), tempo (8)), até o emprego como conjunção ou operador argumentativo, exprimindo sentidos ainda mais abstratos como explicação/causa (11), resultado/consequência (12) etc.

Quanto aos resultados quantitativos, na amostra analisada por Souza (2018), há o total de 137 ocorrências de *onde*, distribuídas pelos oito valores semânticos supracitados, como mostram os dados da tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição dos valores semânticos do *onde* no *corpus*

Valores semânticos do <i>onde</i>	Nº	%
Espaço físico	72	52,6
Espaço abstrato	25	18,2
Instrumental	12	8,8
Tempo	5	3,6
Pessoa	3	2,2
Objeto	3	2,2
Explicação/Causa	11	8
Resultado/Consequência	6	4,4
Total	137	100

Fonte: Souza (2018, p. 105).

Pelos dados apresentados na tabela 1, notamos que a maior parte dos usos (52,6%) se concentra no valor semântico espaço físico (valor mais concreto e sentido fonte de *onde*). Esse resultado confirma o que outros estudos (COELHO, 2001; SOUZA, 2003; SIQUEIRA, 2009; ASSIS, 2016, entre outros) já detectaram a respeito do uso majoritário desse valor semântico do *onde*. Apesar disso, verificamos um percentual importante de outros usos do *onde* com valores mais abstratos (espaço abstrato, instrumental, tempo, explicação/causa e resultado/consequência): todos esses casos somados correspondem a 43% do total. Nesse percentual, apenas não estão inclusos os usos com valores mais concretos de *onde*, indicando pessoa e objeto, que representam um percentual de 4,4%.

Passamos agora a estabelecer uma relação entre os valores semânticos registrados por Souza (2018) para *onde* e duas trajetórias de gramaticalização propostas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), que descrevem os *continua* de gradual abstratização semântica de formas linguísticas:

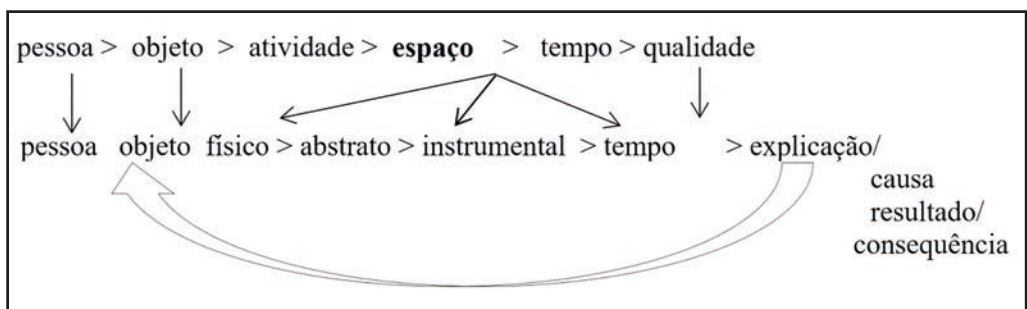
(a) pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Nesse *continuum*, o processo da gramaticalização é descrito, a partir de categorias cognitivas, por uma trajetória que propõe a passagem das noções mais concretas para as mais abstratas. A maioria dos usos encontrados no

corpus da pesquisa pode ser alocada nessa trajetória de categorias cognitivas porque dá conta dos valores semânticos de pessoa, objeto, espaço e tempo, deixando de contemplar atividade e qualidade. Nessa trajetória, o ponto de partida para a análise do item *onde* é a noção de espaço, categoria cognitiva na qual também pode ser incluído o valor semântico aqui referido como instrumental (adotando aqui a posição de Lima (2007) e Lima e Coroa (2013)), pois o *onde* rotulado com esse sentido remete a um referente com uma noção locativa mais abstrata, em alusão a um meio através do qual se realiza a ação indicada na sentença. Há, portanto, a expansão semântica do *onde* espaço físico no sentido de maior abstratização de sentidos.

No entanto, além de *onde* acionar sentidos mais abstratos, há indícios de que esse item gramatical tem desempenhado a função de um “relativo curinga” (ASSIS, 2016), a ponto de poder remeter também a sentidos considerados mais concretos, como os de pessoa e objeto. No caso de *onde*, portanto, como o sentido fonte é de espaço, os valores semânticos de pessoa e objeto, embora comumente sejam relacionados a estágios mais anteriores nas trajetórias de gramaticalização, podem ser tomados como sentidos ainda mais gramaticalizados do que a noção de tempo, por exemplo. Dessa forma, ao se compararem os usos encontrados em Souza (2018) e o *continuum* postulado por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), é possível constituir a seguinte trajetória:

Figura 1 - Trajetória de abstratização semântica dos usos encontrados no *corpus* a partir da proposta de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).



Fonte: Elaboração própria.

É possível reconhecer, nos estágios indicados por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), quase todos os valores semânticos do *onde* identificados por Souza (2018): apenas os usos com sentido de explicação/causa e resultado/consequência não são cobertos pela trajetória mencionada. Diante disso, por seguir uma

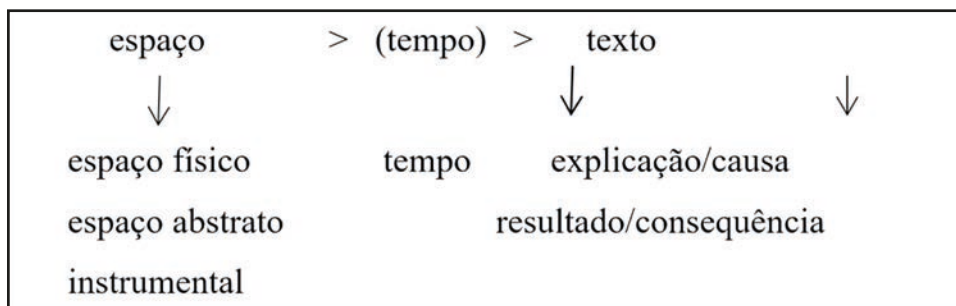
trajetória de abstratização semântica, constatamos, em textos escritos, o caráter multissêmico do *onde*, já verificado em outros estudos baseados em dados de escrita (LIMA, 2007; FIORAVANTE, 2011, dentre outros).

(b) espaço > (tempo) > texto

Heine, Claudi e Hünneymeyer (1991), considerando que o *continuum* pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade seria insuficiente para ilustrar o processo de gramaticalização dos conectores, propõem um novo percurso de deslizamento semântico, o qual pode ser melhor relacionado às etapas de gramaticalização do *onde*. Para os autores, os itens que se referem a espaço, por transferência metafórica, começam a ser usados como referências temporais e, em um estágio mais avançado, como organizadores do espaço textual. Há ainda a possibilidade de o percurso seguir do espaço externo (físico) diretamente para o espaço textual.

Podemos alocar nessa trajetória a maioria dos casos de *onde* encontrados por Souza (2018). Na categoria de espaço, além dos valores semânticos de espaço físico, espaço abstrato, aqui se enquadram também os casos de valor instrumental, porque remetem a expressões que funcionam metaforicamente como um caminho abstrato por meio do qual é possível realizar uma ação. Os usos categorizados com o valor semântico de tempo correspondem ao mesmo rótulo na trajetória agora tomada como referência. Os casos de *onde* com sentido de explicação/causa e resultado/consequência são alocados no estágio indicado como *texto* por Heine, Claudi e Hünneymeyer (1991). Cruzando-se, então, os usos registrados por Souza (2018) e a trajetória proposta por Heine, Claudi e Hünneymeyer (1991), podemos estabelecer o seguinte *continuum*:

Figura 2 - *Continuum* de abstratização dos usos encontrados no *corpus* a partir da proposta de Heine, Claudi e Hünneymeyer (1991)



Fonte: Elaboração própria.

Os casos registrados de *onde* remetendo a pessoa e objeto, no entanto, não são cobertos por essa trajetória. A esse respeito, Ferreira (2003, p. 87 apud ABRAÇADO, 2006, p. 137) defende a revisão das trajetórias unidirecionais de ampliação semântica:

[...] as hipóteses de trajetórias unidirecionais de desenvolvimento semântico-sintático precisam ser enfraquecidas, na medida em que, muitas vezes, configurações semântico-sintáticas supostamente “mais jovens” (porque mais abstratas) são observadas na sincronia mais remota coexistindo ao lado de configurações mais concretas, que, por sua vez, permanecem desafiando todas as pressões históricas e culturais que poderiam ter levado ao seu desaparecimento ou mudança. Resta-nos então perguntar como isso acontece. (FERREIRA, 2003, p. 87 apud ABRAÇADO, 2006, p. 137)

Os usos de *onde* introduzindo orações com sentido de explicação/causa e resultado/consequência, ainda que com baixo número de ocorrências, indicam que o item estudado, de fato, representa outra categoria gramatical (conjunção), que se encontra no estágio final da trajetória de gramaticalização aqui examinada, funcionando como articulador textual. Apesar disso, os usos relacionados a espaço – físico e abstrato – são bastante significativos, presentes no *corpus* em quantidade muito maior. Dessa forma, constatamos que *onde* ocupa, numa mesma sincronia, os três estágios da trajetória de gramaticalização aqui referenciada. Essa constatação reforça o que é previsto pelo *princípio da divergência* (HOPPER, 1991), que propõe que, mesmo com a gramaticalização de um item/construção, a forma/construção fonte ou conceito fonte permanece na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, orientando-nos por pressupostos funcionalistas, principalmente os da vertente norte-americana, examinamos, na modalidade escrita do português contemporâneo, os usos do item *onde* no que diz respeito à sua trajetória de abstratização semântica e mudança categorial. A análise dos dados permitiu evidenciar a multifuncionalidade desse item gramatical quanto à categoria gramatical (pronome/advérbio interrogativo, advérbio relativo, pronome relativo e conjunção) e aos seus valores semânticos (espaço físico, espaço virtual ou abstrato, instrumental, tempo, pessoa, objeto, explicação/causa, resultado/consequência).

A coocorrência, no *corpus*, do valor semântico espaço físico (sentido fonte) com os demais valores semânticos (usos gramaticalizados) se coaduna com o que prevê o princípio da divergência, proposto por Hopper (1991) ao descrever o processo de gramaticalização. Segundo esse princípio, mesmo após a

gramaticalização de uma determinada forma, ela pode continuar presente na língua com o seu sentido fonte, ao lado da forma gramaticalizada. Diante disso e das evidências de um processo de ampliação de sentidos, podemos afirmar que, com base nos resultados encontrados na amostra analisada, os usos de *onde* configuram um indício de gramaticalização.

Acerca dessa ampliação de sentidos, os dados indicaram uma tendência à abstratização, acionando valores semânticos como espaço virtual ou abstrato, tempo, instrumental, explicação/causa e resultado/consequência. No entanto, também encontramos casos que ilustram um caminho de referência a entidades mais concretas, como objeto e pessoa. Tais casos representam, pois, uma reversão na trajetória de abstratização semântica, o que funcionaria como uma contraevidência do princípio da unidirecionalidade.

O fato de *onde* remeter também às noções de pessoa e objeto, apesar de serem essas mais concretas do que as demais, sinaliza que esse item gramatical tem ampliado sua possibilidade de atuação, com funcionamento semelhante ao do item gramatical *que*, cuja variedade de valores semânticos é ainda mais ampla. Essa constatação reforça o que mencionam Souza (2003), Lima (2007) e Assis (2016) a respeito do que eles chamam de “relativo universal” ou “relativo curinga” e permite afirmar que *onde* tem sido usado como item ainda mais gramatical. Dessa maneira, embora não atendam à trajetória unidirecional de abstratização semântica proposta por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), os usos de *onde* remetendo a objeto e pessoa podem ser interpretados como mais uma sinalização da gramaticalização de *onde*.

Os resultados aqui apresentados também corroboraram o que evidenciaram Coelho (2001), Souza (2003), Lima (2007), Silva (2008), Siqueira (2009), Xavier da Silva (2011) e Lima e Coroa (2013) a respeito do caráter multicategorial do *onde* e da confirmação das trajetórias de gramaticalização propostas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

O item gramatical *onde*, embora já tenha sido bastante estudado, continua a despertar interesse de muitos estudiosos do português brasileiro, pois a descrição do caráter multifuncional desse item ainda constitui um desafio para os que se dedicam à análise dos contextos motivacionais de usos considerados mais gramaticalizados. Esperamos que a discussão aqui apresentada possa ser útil para aqueles que se propõem a estudar o funcionamento do *onde*, em especial na perspectiva funcionalista. Esperamos também que esta discussão possa motivar o surgimento de novas pesquisas que tomem como objeto de investigação esse item, com novos *corpora* e em outras sincronias.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 130-148, 1º sem. 2006.
- ASSIS, Jacqueline Borges. Expansão semântica do onde: para onde está indo? *Domínios de Linguagem*. Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 927-956, jul./set. 2016.
- BISANG, Walter. Grammaticalization and language contact, constructions and positions. RAMAT, Anna Giacalone; HOPPER, Paul J. (eds.). *The limits of grammaticalization*. v. 37. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1998. p. 13-58.
- BOLINGER, Dwight. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.
- BYBEE, Joan. et al. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- CAMPBELL, Lyle; What's wrong with grammaticalization?. *Language Sciences*, Amsterdam, v. 23, p. 113-161, 2001.
- CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard, Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, Amsterdam, v. 23, p. 93-112, 2001.
- CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Campinas: UNICAMP, 2004 (Tese de Doutorado).
- COELHO, Maria Sueli. *Uma análise funcional do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso*. 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

FIORAVANTE, Keylla Manfili. *A multicategorialidade do onde na escrita de usuários com formação básica em Português*. 2011. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003. p. 29-55.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike.; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistic Society*, 1987, p. 139-153.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35.

HOPPER, Paul. J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, [1993]2003.

LIMA, Sostenes C. *Impacto do vernáculo sobre o uso do onde na escrita monitorada*. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LIMA, Sostenes; COROA, Maria Luiza M. S Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do *onde*. *Via Litterae*, Anápolis, v. 5, n. 2, p. 307-333, jul./dez. 2013.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 27-44.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2003, p. 17-28.

MEDEIROS JUNIOR, Paulo. Sobre orações relativas livres em posição de adjunto: considerações sintático-semânticas acerca das construções com *quando* e *onde*. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 51-71, jan./jun. 2009.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12.26:6, 1912, p. 384-400. Repr. in A. Meillet, *Linguistique historique et linguistique général*, 1:130-148. Paris: Champion, 1948.

PEZATTI, Erotilde Goreti. GDF: Uma teoria gramatical ou uma teoria do uso? *Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 12, n.1, jan./jul. 2011, p. 25-35. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/Vol.40-n.1-Integra.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2014.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60.2: 233-259, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>>. Acesso em 10 dez. 2016.

SILVA, Fernanda Cunha Pinheiro da. *O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização*. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SIQUEIRA, Sirley Ribeiro. *Usos do elemento onde: trajetória e funcionalidade*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal Fluminense, 2009.

SOUZA, Emília Helena Portella M. de. *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. 2003. 284 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SOUZA, Ilana Guimarães de. *Usos de ONDE em redações do vestibular da UNEB: uma análise sociofuncionalista*. 2018. 139 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2018.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 23-48.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2009, p. 91-101.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 278 p.

XAVIER DA SILVA, Tatiane. *A multifuncionalidade do onde e sua trajetória de gramaticalização para a construção de sentidos de textos falados e escritos do português brasileiro*. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2011.